



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## O OLHO E O CU NA EM OBRAS AUTOFICCIONAIS

Oziel Rodrigues Chaves Neto

*Universidade Estadual da Paraíba*

*ozielrodrigueschaves@gmail.com*

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo mostrar, nas obras “Os Cus de Judas” de Lobo Antunes, “O Aleph” de Jorge Luis Borges e “História do Olho” de Georges Bataille a autoficção e os carga simbólica do olho e do cu que carrega as respectivas obras. Partindo da perspectiva do imaginário de Gilbert Durand e do pacto autobiográfico — Lejeune —, o artigo compreende uma carga hermenêutica, além de certos pontos no tocante aos estudos culturais.

**Palavras-chaves:** Autoficção, olho, cu, imaginário.



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva refletir sobre a questão autoficcional e a simbologia do olho, especialmente n' *O Aleph* de Borges, do cu — a partir do livro *Os cus de Judas*, de Lobo Antunes — e a interseção entre esses dois objetos esféricos com a famosa novela de Bataille *História do olho*, a partir da mitocrítica de Gilbert Durand.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste material partiu de uma pesquisa bibliográfica à luz de Gilbert Durand com seu livro *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, no primeiro livro onde trata do regime diurno da imagem, em especial o tópico que aborda dos símbolos espetaculares e diairéticos, além de alguns artigos retirados da rede, como o de Anna Faedrich Martins, e de alguns sites que abordam as temáticas elucidadas.

O trabalho se justifica como resultado das apresentações e defesas dos seminários apresentados no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual da Paraíba, partindo do ponto de vista do imaginário, em consonância com a disciplina Mitopoética, ministrada pela Professora Doutora Maria Goretti Ribeiro.

## 2. METODOLOGIA

Por se tratar de conceitos filosóficos e literários, nossas discussões ficam em torno de uma pesquisa bibliográfica. Sendo esta voltada para duas perspectivas: a primeira, o pacto autobiográfico ou a autoficção; e a segunda, à luz da mitocrítica, os materiais simbólicos do olho e do cu em obras literárias selecionadas.

## 3. AUTOR X FICÇÃO



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

António Lobo Antunes serviu como tenente e médico nos últimos anos do conflito que ficou conhecido como Guerra de Independência de Angola. Ao voltar a Portugal e com o passar da Revolução dos Cravos, ele escreve uma das suas narrativas mais ambiciosas: *Os Cus de Judas*. Lançado originalmente em 1979, a obra tem marcas descritivas com base na sua experiência nas terras africanas.

Lobo Antunes tornou-se um dos autores vivos mais importantes de língua portuguesa — ao lado de Mia Couto, Valter Hugo Mãe, entre outros —, e por ser um escritor hodierno, sua escrita revelou tendência contemporânea: a autoficção. A autobiografia entra, em contrapartida, e/ou em convergência, desvelada no texto de Lejeune (1991), “se inscrevendo [grifo nosso] no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer a verdade aos outros), tanto quanto no campo da criação artística.” (p. 104).

Segundo Anna Faedrich Martins, no resumo do seu projeto “A autoficção da literatura contemporânea”:

A conceitualização primeira de autoficção foi criada pelo francês Serge Doubrovsky (1977), criador do neologismo e do primeiro romance considerado autoficcional – *Fils*, em resposta à lacuna existente nos estudos realizados sobre a autobiografia por Philippe Lejeune. Para Doubrovsky, todo contar de si é ficcionalizante, assim, a autoficção é um gênero híbrido, que mistura realidade e ficção, uma narrativa que oscila entre o autor e o outro ficcional. ([http://www.pucrs.br/edipucrs/Vmostra/V\\_MOSTRA\\_PDF/Letras/83352-ANNA\\_FAEDRICH\\_MARTINS.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/Vmostra/V_MOSTRA_PDF/Letras/83352-ANNA_FAEDRICH_MARTINS.pdf), acesso em 14/03/2015).

Nessa perspectiva, “Os Cus de Judas”, do escritor português Lobo Antunes, se revela uma narrativa autoficcional, posto que o autor, a partir de suas experiências durante a Guerra de Independência de Angola, escreve um romance. O fato é que esse gênero não pode ser confundido com a autobiografia, até porque, ao falar do protagonista, o próprio Lobo Antunes, em entrevista ao Voz Itinerante, diz que



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

quanto ao uísque, é uma tragédia, porque até nem gosto de uísque. Mas isso de concreto tinha a ver com aquela personagem que fala no livro, que é um homem detestável, sob certos aspectos. O tipo usa de uma série de estratégias para seduzir a mulher: a guerra, a vida, e depois é uma catástrofe na cama... (GOMES, “A Voz Itinerante”, São Paulo, Edusp, 1993).

Assim, podemos inferir, quanto às analogias e divergências, que se a autobiografia tem compromisso com o que realmente aconteceu com o “eu”, a autoficção não tem essa preocupação, apesar de partir de fatos vivenciados pelo autor. Podemos pensar ainda em outras circunstâncias do tipo: será que o falar de si próprio, mesmo sendo o livro categorizado pelo escritor “autobiográfico”, revelará realmente como aconteceram os fatos ou, como um bom romancista, ele não iria “transformar” aquilo que não quisesse falar de si para outros? Ao colocarmos a autoficção como um “filtro” que discrimina/confunde autor e narrador, para a preservação moral daquele, poderíamos especular que esta modalidade de ficção pode ser tida como uma censura capaz de manter estável a consciência moral e a ética social do escritor. Um superego que, na mitocrítica de Gilbert Durand (1997), é imaginado na dicotomia olhar/olho: “O olhar seria símbolo de julgamento moral, da censura do superego, enquanto o olho não passaria de um símbolo enfraquecido, significativo de uma vulgar vigilância” (Durand, 1997, p. 151).

Podemos, inclusive, levar em conta a condição na qual nos coloca Doubrovsky acima, quando fala que “todo contar de si é ficcionalizante”. Sendo assim, seria a autobiografia uma autoficção, mesmo o autor sendo fidedigno ao seu passado?

### 4. CUS E OLHOS

Ao pesarmos na ideia de “cu”, imaginamos um orifício por onde saem dejetos; a podridão — necessária — que um ser humano saudável expelle diariamente. Mas, por vezes



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

também sai sangue, quando numa enfermidade qualquer oriunda do intestino ou do próprio ânus; uma caverna fétida onde os alimentos mais saborosos podem se tornar nas coisas mais repugnantes que o ser humano possa produzir. Falar de Judas é falar do inimigo da cultura cristã: temos ninguém menos que o “traidor” que entregou Jesus, o deus materializado, o maior ídolo do Cristianismo, à expiação.

E se juntarmos a imagem do “cu” com a de “Judas”, teremos, semanticamente falando, um dos piores lugares onde um cristão desejaria estar: o cu de Judas! O lugar mais adjeto, da pessoa mais odiosa da cristandade.

Então, a priori, a ideia que o título do livro de Antunes (2007) quer passar é a de que esses “cus” não são lugares muito agradáveis para ficar, além do mais, em guerra: o desgaste do conflito, a falta de esperança tanto dos soldados portugueses quanto dos prisioneiros (velhos e mulheres quase em inanição), os movimentos reacionários que mais atrapalhavam do que ajudavam a situação dos civis...

O fragmento a seguir, nos mostra essa e outras situações vivenciadas pelo protagonista:

A pouco e pouco a usura da guerra, a paisagem sempre igual de areia de bosques magros, os longos meses do cacimbo que amareleciam o céu e a noite do iodo dos daguerreótipos desbotados, haviam-nos transformado numa espécie de insectos indiferentes, mecanizados para um quotidiano feito de espera sem esperança, [...] os prisioneiros eram velhos ou mulheres esqueléticos menos lestos a fugir, côncavos de fome, o MPLA deixava mensagens nos trilhos a dizer Deserta mas para onde se só havia areia em volta, Deserta, [...] o comandante esmagado rodava o boné de pala na mão, Aquele cabrão ainda me desata a chorar diante desse mulo previa o tenente baixinho, Estou farto desta merda pelo amor de Deus arranje-me uma doença qualquer, Deserta gritavam os papéis do MPLA, Deserta deserta deserta deserta deserta DESERTA, [...] (ANTUNNES, 99-101, 2007).





## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A semântica permite-nos refazer o percurso da expressão “cus de Judas”. Reparemos que o “cu”, não é necessariamente um lugar neutro, tampouco ruim: pode ser até, em casos específicos, recanto de prazeres.

Vamos nos reportar a Chiúme, “o último das cus de Judas do Leste [de Angola], o mais distante da sede do batalhão e o mais isolado e miserável” (Antunes, 66, 2007):

Como na tarde de 22 de junho de 71, no Chiúme, em que me chamaram ao rádio para me anunciar o nascimento da minha filha, rómio, alfa, papá, alfa, rómio, índia, golf, alfa, paredes forradas de fotografias de mulheres nuas para a masturbação da sesta, mamas enormes que começaram de súbito a avançar e a recuar, segurei com força as costas da cadeira do cabo de transmissões e pensei Vai-me dar qualquer merda e estou fodido. (ANTUNES, 66, 2007)

Percebemos, nesse excerto, que não só do trabalho vive nosso “herói”. Além dos prazeres “manuais” e solitários, uma vida nasce no meio de tanta destruição. Mas, ao mesmo em que tem motivos para se alegrar, ele pensa “Vai-me dar qualquer merda e estou fodido”.

E para ressaltar a perspectiva do olho de Gilbert Duran (1997) em contrapartida com a *História do Olho* de Bataille (2015), percebemos que a visão do mitocrítico também é dualista em relação ao olho: por um lado, dá aspectos repressores e vigilantes que reforça a ideia de superego, por outro mostra o lado clarividente, reto e moral dos profetas cegos, um símbolo, de fato, luminoso — por vezes comparado ao disco solar. Todavia, Bataille (1997) não trata de outra coisa senão o olho do cu, apesar de suas metáforas acerca desta “caverna”.

Com formas circulares, o olho e o ovo são constantemente postos em isomorfismo ao longo da novela. O momento apoteótico é quando os amantes matam um eclesiástico e arranca-lhe o olho. Em seguida, Simone pede: “Enfia-o no meu cu” (p.75). Aqui os olhos — tanto da perspectiva luminosa e vigilante, quanto da cavernosa — se chocam numa metáfora pura, na qual Roland Barthes (1963) diz



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

[...] basta que, no campo meteorológico traçado por Bataille à guisa de arúspice o Sol seja disco e depois globo para que a luz escoe como um líquido e venha se juntar, através da ideia de um *luminosidade mole* ou de uma *liquefação urinária do céu*, ao tema do olho, do ovo e da glândula. (Barthes apud Bataille , 1963, p. 130, itálico do autor)

Bataille (2015), nos dois últimos capítulos da novela, parece deixar a narrativa ficcional para deter-se a uma análise da própria obra e a uma suposta autobiografia, que, segundo Eliane Robert Moraes, em um apêndice inserido em uma edição brasileira de *História do Olho*, após a última transformação simbólica pela qual passa o objeto do livro “*História do Olho* não pode ser a autobiografia de Bataille, nem mesmo do narrador — é uma autobiografia do olho.” (MORAES in BATAILLE, p. 109, 2013).

A dualidade de sentidos que o “cu” traz no livro de Lobo Antunes (2007) é bem mais voltada para a pior perspectiva — miséria, morte, doenças, etc... — do que para o gozo. Apesar de conseguir, no meio de um ambiente devastado, formas de driblar a agonia da guerra: masturbações, sexo barato com prostitutas angolanas, o nascimento da filha. Acontecimento análogo ocorre em Bataille quando no *olho* é atribuído prazeres, no erotismo constante da obra, e carnificina — a cena da morte do toureiro e do boi, além do assassinato a sangue frio do eclesiástico — sendo que aqui, se confunde os feitiços negativos.

Os aspectos positivos do olho — a luz, a clarividência segundo Durand (1997) — se revela também no conto *O Aleph* de Jorge Luis Borges. Tido como a primeira letra do alfabeto hebraico, o Aleph, no conto do escritor argentino, é “um dos pontos do espaço que contém todos os outros pontos” (p. 145). Esse objeto mágico só pode ser visto do porão, no mais completo breu. Mais uma vez o regime diurno de Durand (1997) traz uma relação de dicotomia, antítese, que se retrata através do dualismo luz e sombra. Quando o narrador Borges — homônimo do escritor, que remete um atributo da autoficção — se acomoda no porão e observa fixamente aquele pequeno ponto brilhante, ele então consegue travar um “diálogo com todas as imagens de Beatriz”:



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Chego, agora, ao centro inefável de meu relato; começa, aqui, meu desespero de escritor. Toda linguagem é um alfabeto de símbolos cujo exercício pressupõe um passado que os interlocutores compartilham; como transmitir aos outros o infinito Aleph que minha temerosa memória mal consegue abarcar? Os místicos, em transe análogo, multiplicam os emblemas: para significar adivindade, um persa fala de um pássaro que de alguma forma é todos os pássaros; Alanus de Insulis, de uma esfera cujo centro está em toda parte e a circunferência em nenhuma; Ezequiel, de um anjo de quatro faces que ao mesmo tempo se volta para o oriente e para o ocidente, para o norte e para o sul. (Não em vão rememoro essas inconcebíveis analogias: alguma relação têm com o Aleph.) [...] Vi o mar populoso, vi a alvorada e a tarde, vi as multidões da América, vi uma teia de aranha prateada no centro de uma negra pirâmide, vi um labirinto truncado (era Londres), vi intermináveis olhos imediatos perscrutando-se em mim como num espelho, vi todos os espelhos do planeta e nenhum me refletiu, vi num pátio interno da rua Soler as mesmas lajotas que trinta anos antes vira no corredor de uma casa de Fray Bentos, vi cachos de uva, neve, tabaco, veios de metal, vapor de água, vi convexos desertos equatoriais e cada um de seus grãos de areia, vi em Inverness uma mulher que não esquecerei, vi a violenta cabeleira, o corpo altivo, vi um câncer no peito, vi um círculo de terra seca numa calçada onde antes havia uma árvore, vi uma chácara de Adrogué, um exemplar da primeira versão de Plínio, a de Philemon Holland, vi ao mesmo tempo cada letra de cada página (quando menino, eu costumava me maravilhar com o fato de as letras de um volume fechado não se misturarem nem se perderem no decorrer da noite), vi a noite e o dia contemporâneos [...] (pp. 148-9)

### 5. CONCLUSÃO

A autoficção não se confunde, a priori, com a autobiografia, e especialmente, no caso da obra “Os Cus de Judas”, de Lobo Antunes, o “eu” se revela nas características histórias, geográficas, sociais e culturais do autor nas quais passou durante sua estadia em terra africana.

As questões acerca desses “cus” parecem ser, semanticamente, ora opostas ora convergentes, posto que, a miséria psicológica do narrador o persegue mesmo ao voltar para sua terra natal — Lisboa —, o que nos obriga a pensar que não existem “os cus”, mas “o cu”.





## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

E essa “caverna” pode entrar em confronto com o olho, objeto de luz e inquisição, onde Bataille mistura elementos eróticos com um sadismo sanguinário representado na sua novela como metáfora de libertação.

Em *O Aleph* Borges retrata apenas aspectos positivos do olho — apenas do olho, vale salientar, não do cu — onde de desvela na figura de um suposto falso Aleph, mas, certamente, a clarividência que nunca saberemos se foi real ou não, graças ao atributo fantástico da obra do escritor argentino.

### 6. Referências

ANTUNES, António Lobo, “Os Cus de Judas”, 2ª ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BATAILLE, Georges, “História do Olho”, 3ª ed — São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BORGES, Jorge Luis, “O Aleph”, 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Correio Baziliense, “Gênero da autoficção vira tendência na literatura contemporânea”, acessado em 14/03/15, às 22:30.

DURAND, Gilbert, “As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral”, 1ª ed. — São Paulo — Martins Fontes, 1997.

GOMES, Álvaro Cardoso A Voz Itinerante, São Paulo, Edusp, 1993.

LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. In: DOBARRO, Ángel Nogueira (org). La autobiografía y sus problemas teóricos. Barcelona: Antropos, 1991.

MARTINS, Anna Faedrich, “A autoficção da literatura contemporânea”. Resumo. Faculdade de Letras, PUCRS, 2010.